

# O conceito de Pessoa em Funcionamento Pleno - O legado de Rogers

- **Para começo de conversa,**
  - Texto de 1952 - 1953
  - enviado a revista e não aceito por falta "objetividade".
  - a questão do título e a tradução
    - Pessoa em funcionamento pleno
    - Conceito de pessoa em atualização plena
    - Conceito de Pessoa em Processo Experiencial Pleno
  - Diálogo interno e externo
  - A questão da indiferenciação entre pessoa e cliente, em Rogers (BEZERRA, 2018).
- **O Problema**
  - "Penso na noção, comumente aceita, de que a pessoa que completou a psicoterapia estará ajustada à sociedade. Mas a qual sociedade?"
    - A questão da socialidade como teleologia.
  - Mudança de categoria diagnóstica.
    - Psicopatologia: "o termo psicopatologia não pode simplesmente ser uma palavra-baú que se presta a acolher todos aqueles aspectos da personalidade que os diagnosticadores como um todo temem em si mesmos."
    - Na direção daquilo que Thomas Szasz falou sobre "O mito da Doença Mental".
  - Posição pragmática: características gerais da pessoa que sai da terapia.
- **O referencial a partir do qual o problema é abordado**
  - Do ponto de vista do terapeuta:
    - capaz de entrar numa relação pessoal, subjetiva e intensa com seu cliente - relacionando-se não como um cientista diante do seu objeto de estudo, não como um médico esperando diagnosticar e curar, mas de pessoa para pessoa
    - terá sentido esse cliente como sendo uma pessoa incondicionalmente valorosa, valor este independente de suas condições, seu comportamento ou seus sentimentos.

- capaz de se entregar à compreensão do cliente, que nenhuma barreira interna o impediu de captar o que, na sua percepção, o cliente seja, a cada momento da relação, e que ele pôde transmitir algo de sua compreensão empática ao cliente.
    - sentiu-se confortável ao entrar plenamente nessa relação, sem saber cognitivamente onde isso o levaria, satisfeito em prover um clima que libertasse o cliente para que este se tornasse ele mesmo.
  - Do ponto de vista do Cliente:
    - significou uma exploração de sentimentos cada vez mais estranhos, desconhecidos e perigosos, tornando-se isso possível apenas porque ele gradualmente percebeu que foi aceito de modo incondicional.
    - tornou-se familiarizado com elementos de sua experiência que no passado foram negados à sua consciência como muito ameaçadores, e danosos à estrutura do self.
    - se descobriu experienciando esses sentimentos, na relação, de maneira plena e completa
    - Percebe seu comportamento mudando de maneira construtiva de acordo com a experiência recente do seu self.
    - Aproxima-se da percepção de que não precisa mais temer o que as experiências poderiam envolver, mas pode recebê-las livremente como parte do seu self mutável e em desenvolvimento
- **3 características da pessoa após a terapia**
  1. Essa pessoa estaria aberta à sua experiência.
  2. Esta pessoa viveria de maneira existencial.
    - self e a personalidade emergem da experiência
  3. Essa pessoa descobriria que seu organismo é um meio confiável de chegar ao comportamento mais satisfatório em cada situação existencial.
    - Uma analogia que se aproximasse de uma descrição seria comparar essa pessoa a um gigantesco computador eletrônico
    - confiança x certeza
    - "Falta de dados"
    -
- **A Pessoa em Funcionamento Pleno**
  - Ela é capaz de viver plenamente com cada um e com todos os seus sentimentos e reações.
  - Alinhamento fisiológico e simbólico
- **Implicações**
  1. Apropriada à Experiência Clínica

- lócus de avaliação interior: conceito de confiabilidade do organismo (da hipótese à experiência).
- 2. Conduz a Hipóteses Operacionais
- 3. Explica Contradições Desconcertantes (contraste entre leitura clínica e psicodiagnóstico)
  - maior probabilidade de se adaptar
- 4. Fundamenta-se na confiabilidade da natureza humana
  - Natureza humana: construtiva e confiável. Sociável.
- 5. Comportamento confiável, mas não previsível
  - Psicologia: ciência da compreensão, não da previsão.
- 6. Relaciona Liberdade e Determinismo

- **Pessoa e Cliente - limites**

- Da confiança no Cliente à confiança na pessoa.
- "Trata-se da ambiguidade rogeriana na relação entre a pessoa, sob forte traço individualista derivado do âmbito psicoterápico, com o contexto cultural, que mutuamente influencia e é influenciado pela pessoa." (BEZERRA, 2018, p. 62)
  - Não estaria adaptada à cultura, mas teria a capacidade de viver harmonicamente.
  - envolto em traços culturais marcantes de individualismo não tematizados
  - Avaliação da cultura como fator de interferência, distorção e distanciamento da pessoa com relação a sua singularidade (p. 63)
  - o caráter da natureza humana, em sua essência, é individual (p.64)
  - Relação entre pessoa e cultura, para além do "cliente"

- **Tornar-se, radicalmente, pessoa (wood, 2004; schmid, 1998)**

- Wood refere que o contexto de grupos implica efetivamente não só uma mudança de campo de atuação, mas de compreensão do sujeito
  - A pessoa está inserido no âmbito da interação social mais evidente e ampla.
- Falar de pessoa, para Schmid, envolve reconhecer e evidenciar o caráter iminentemente social da constituição subjetiva.
- Trata-se, então, de tomar isto não a partir de uma naturalidade, mas de uma construção.
- Do ponto de vista do confronto com a alteridade, reivindicado na proposta de schmid e ratificada aqui, trata-se de uma responsabilidade que torna-se socialidade, não o contrário.

- Torna-se pessoa não é abandonar um "dever-ser" para alcançar uma liberdade autosuportada, mas seguir mais além, para "não poder não ser frente a outrem".

- Nota sobre o "dever ser" e o Tornar-se Pessoa

*Dever ser (Rogers): na perspectiva rogeriana, o sujeito que vive em um funcionamento pleno estaria fugindo a todo "dever ser" ou a todo papel imposto exteriormente. Colocado assim, parece-nos um tentativa de indiferença para com o outro, negando olhar o rosto que em si é ordem sem significação. Estabelecer uma relação ética para com Outrem é justamente é da ordem de uma não indiferença e da impossibilidade mesma de uma negação, é também incessável, de forma que sou o único responsável por aquilo que ele me demanda. Por outro lado, Rogers, quando fala de fugir a um "dever ser" poderia referir muito mais a uma fuga da padronização e apontava, assim, para a singularidade. Para Lévinas, a submissão ao Outro não significava seguir a uma ordem específica, visto que o rosto, o infinito que isto me remete, é mandamento sem contexto, é própria significância, e fundamentaria também dessa forma uma singularização, pois não é a outro si não a nós mesmos, únicos, a quem o Outro nos manda. Mas em Lévinas também trata-se de superar o "dever ser" e ir até o "ter de ser", que coloca-se no âmbito de escolhido e não de uma escolha.*

*Além disso, Lévinas supera aquilo que se considera como imposições se uma sociedade, no que se refere a papéis e leis sociais, em prol de uma socialidade. Em Rogers, acredita-se que por meio da liberdade chegar-se-ia a uma socialidade, paradoxalmente, de uma forma inevitável. O indivíduo cabalmente se tornaria sociável.*

*Assim, nos dois teóricos procura-se romper com os padrões fixos da sociedade em prol de uma maior socialidade. O diferencial está que em Rogers esse permanece um processo submetido ao ser.*